

PANORAMA DA GINÁSTICA RÍTMICA NO BRASIL: ESTRUTURA E DESENVOLVIMENTO

Maria Clara Carraro Balestro (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Ieda Parra Barbosa-Rinaldi (Orientadora). E-mail: ipbrinaldi@uem.br Deisy de Oliveira Silva-Brandão (Coorientadora).

Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências da Saúde, Maringá, PR.

Saúde, Educação Física.

Palavras-chave: Ginástica; Esporte; Políticas Públicas

RESUMO

O estudo mapeou a Ginástica Rítmica (GR) no Brasil por meio de levantamento documental em fontes oficiais da CBG e do COB e, complementarmente, com dados do IBGE e do CONFEF. Identificou-se destaque da Região Sul em diversos aspectos, enquanto o Sudeste concentra maior número de atletas, treinadores e entidades, mas com menor representatividade proporcional. As demais regiões apresentam participação reduzida, embora já existam iniciativas da CBG para ampliar a presença da modalidade no país.

INTRODUÇÃO

A Ginástica Rítmica (GR) é uma modalidade competitiva regulamentada pela Federação Internacional de Ginástica (FIG), Confederação Brasileira de Ginástica (CBG) e federações estaduais, apresentando atributos que a caracterizam como esporte, tais como regras universais, calendários e eventos específicos (Paz, Souza e Barbosa-Rinaldi, 2018). A modalidade tem se popularizado no Brasil, refletindo no crescimento de clubes, federações e praticantes, e apresentando uma trajetória histórica de bons resultados internacionais (Lourenço, 2015). Recentemente, por exemplo, a Seleção Brasileira de Conjunto (SBC) conquistou o segundo lugar no Campeonato Mundial de 2025, no Rio de Janeiro. Além disso, os resultados individuais também têm sido significativos em eventos como os Jogos Pan-Americanos de 2023 e a Copa do Mundo de 2024 em Portimão.

Diante da crescente relevância da GR, é fundamental realizar estudos sobre a modalidade no Brasil. Moraes et al. (2019) mostram que o país não só forma atletas destacados, mas também produz trabalhos científicos sobre a GR. Assim, é necessário um olhar mais cauteloso para discutir as disparidades na distribuição da modalidade no país. Considerando tais prerrogativas, o estudo se orientou pelas seguintes questões: Como está distribuída a GR no Brasil? De onde são as atletas e treinadores e a quais níveis de prática elas se encontram? Para tanto, estabelecemos o seguinte objetivo para esse estudo: realizar um mapeamento da GR no Brasil, com o intuito de compreender sua estruturação, organização e desenvolvimento.

MATERIAIS E MÉTODOS

O estudo descritivo e exploratório foi realizado por meio de análise documental (GIL, 2017). Os dados foram coletados de fontes como: sites da Confederação Brasileira de Ginástica e das federações estaduais, do Comitê Olímpico e o documento “Modelo de Desenvolvimento de Ginastas de Ginástica Rítmica no Brasil” (CBG, 2024), para dados sobre praticantes, entidades e treinadores; sites do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022) e do Conselho Federal de Educação Física para dados populacionais e referentes à categoria profissional em educação física. A coleta aconteceu manualmente e as informações foram organizadas, catalogadas, categorizadas e, posteriormente, analisadas, utilizando-se de estatística descritiva. Por se tratar de dados públicos, a pesquisa dispensou análise ética.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2025, o Brasil sediou pela primeira vez o Campeonato Mundial de Ginástica Rítmica da FIG, um marco histórico para o esporte no país. O evento trouxe grande visibilidade para a modalidade, gerando discussões sobre a distribuição da Ginástica no território nacional e fortalecendo a posição do Brasil como protagonista do panorama esportivo mundial (Rhythmic Gymnastics World Championship 25, 2025).

A Tabela 1 traz dados do número de praticantes de GR cadastradas em suas respectivas federações de ginástica de acordo com a idade, categoria competitiva e a macrorregião brasileira. Apontamos também a comparação do número de praticantes com o número populacional de cada idade e região, respectivamente, podendo assim compor uma porcentagem da quantidade de meninas de cada idade que são praticantes do esporte cadastradas em suas federações.

Tabela 1 – Quantitativo de praticantes cadastradas em federações por macrorregião comparado ao número de habitantes de mesmo sexo e idade

Regiões	Praticantes Iniciação (>8 anos)	Praticantes Pré-infantil (9-10 anos)	Praticantes Infantil (11-12 anos)	Praticantes Juvenil (13-15 anos)	Praticantes Adulto (>16 anos)
Norte	577612 (t) 235 (n) 4,07% (%)	287047 (t) 215 (n) 7,49% (%)	287737 (t) 251 (n) 8,72% (%)	447522 (t) 169 (n) 3,78% (%)	606747 (t) 30 (n) 0,49% (%)
Nordeste	1516136 (t) 307 (n) 2,02% (%)	770344 (t) 358 (n) 4,65% (%)	783143 (t) 392 (n) 5,01% (%)	1217191 (t) 264 (n) 2,17% (%)	1672148 (t) 86 (n) 0,51% (%)
Sudeste	2076374 (t) 1111 (n) 5,35% (%)	1028441 (t) 1315 (n) 12,79% (%)	1026897 (t) 1789 (n) 17,42% (%)	1538307 (t) 685 (n) 4,45% (%)	2165581 (t) 568 (n) 2,62% (%)
Centro-oeste	460754 (t) 55 (n) 1,19% (%)	222545 (t) 116 (n) 5,21% (%)	220956 (t) 122 (n) 5,52% (%)	331648 (t) 137 (n) 4,13% (%)	471011 (t) 96 (n) 2,04% (%)

Sul	750485 (t) 438 (n) 5,84% (%)	367419 (t) 509 (n) 13,85% (%)	363259 (t) 563 (n) 15,50% (%)	532947 (t) 672 (n) 12,61% (%)	756549 (t) 267 (n) 3,53% (%)
-----	------------------------------------	-------------------------------------	-------------------------------------	-------------------------------------	------------------------------------

Fonte: da pesquisa com dados extraídos do documento COB e do site oficial do IBGE (Censo 2022).

É possível observar a região Sul sempre na liderança, na maioria das categorias, com exceção da Infantil, no qual o Sudeste ultrapassa ligeiramente o Sul. O destaque dessas duas regiões no âmbito do esporte também foi observado no estudo de Carneiro e Castellani Filho (2021) que mostra que a maioria do investimento na Função Desporto e Lazer se deu por meio dos municípios ao invés dos estados nessas regiões, ou seja, regiões mais desenvolvidas economicamente como o Sudeste e Sul, possuem municípios mais desenvolvidos possibilitando maior investimento e atenção com políticas públicas no esporte e lazer. Assim, o capital público investido e como ele é investido em cada região tem influência direta no esporte, bem como na GR.

Tabela 2 - Número de treinadores e entidades cadastradas em federações por macrorregião e número de profissionais de Educação Física registrados no Conselho

Regiões	Treinadores de GR			Entidades de GR		
	total	n	%	total	n	%
Norte	34132	53	0,16%	3588	53	0,14%
Nordeste	102408	147	0,14%	16902	147	0,13%
Sudeste	32952	296	0,09%	31964	296	0,09%
Centro-oeste	61699	93	0,15%	7754	93	0,15%
Sul	117509	219	0,19%	17015	219	0,19%

Fonte: da pesquisa com dados extraídos do documento COB e da Plataforma Educação Física Em Dados do CONFEF.

Para a exercer a profissão como treinador de GR, é necessário, além da formação superior em Educação Física, ter o registro profissional no Conselho Regional de Educação Física. Na Tabela 2, observa-se a porcentagem da comparação de treinadores de GR com o número de profissionais de Educação Física registrados nos CREFs (Conselho Regional de Educação Física). A região Sul na frente com 0,19%, seguida das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste com 0,16%, 0,15% e 0,14% respectivamente e o Sudeste com 0,09%. Verificamos que apesar de termos uma maior quantidade de profissionais que atuam no treinamento de GR na região Sudeste em relação às demais regiões, as regiões Norte e Centro-Oeste apresentam maior percentual quando comparados ao total de profissionais de Educação Física registrados respectivos Conselhos Regionais.

Com base na Tabela 2 observamos a quantidade e proporção de entidades de GR cadastradas na CBG, verifica-se que o número de entidades se relaciona e reforça o destaque das regiões Sul (219) e Sudeste (296). Porém, com relação a proporção dessas entidades comparadas ao número de Cadastros de Pessoas Jurídicas de cada região, apenas a região Sul continua no destaque com 0,19%, diferentemente da região Sudeste que apresenta o maior número, mas o menor

percentual (0,09). As demais regiões aparecem uma seguida da outra, sendo a região Centro-Oeste (0,15%), Norte (0,14%) e Nordeste (0,13%), respectivamente. Apesar disso, o desfalque da prática de GR nas regiões apontadas anteriormente ainda é grande, levando em consideração também a Tabela 1.

CONCLUSÕES

Com esse estudo foi possível concluir que a GR tem crescido exponencialmente no país em número de praticantes, uma vez que tem ginastas cadastradas em 25 federações estaduais, portanto só não temos a prática da modalidade oficializada em dois estados brasileiros. Contudo, buscando minimizar a má distribuição do esporte no Brasil, a CBG em parceria com a Caixa criou os Centros de Excelência Caixa. Localizados em diversas localidades do país. Estes têm sido determinantes nas carreiras de muitos atletas nas ginásticas Artística e Rítmica, inclusive de algumas que já passaram pela Seleção Brasileira de Ginástica Rítmica. Os Centros de Excelência se localizam em regiões onde a modalidade é menos difundida, como Norte e Centro-Oeste. Por fim, espera-se com essa pesquisa apresentar potencialidades e lacunas na constituição do campo da GR brasileira e oferecer subsídios para que novas pesquisas sejam realizadas nesse âmbito.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico pelo financiamento e por fazer com que essa pesquisa fosse possível.

REFERÊNCIAS

CARNEIRO, F. H. S.; CASTELLANI FILHO, L. O desigual financiamento estadual e municipal das políticas públicas de esporte e lazer pelas diferentes regiões brasileiras. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 1–17, 2021.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. **Modelo de desenvolvimento de ginastas de Ginástica Rítmica no Brasil**. Aracaju: CBG, 2024.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2017.

LOURENÇO, M. R. A. **A seleção brasileira de conjuntos de Ginástica Rítmica: perfil de ginastas e treinadoras, estrutura técnica e administrativa e o habitus construído**. 2015. 190 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Programa de Pós-Graduação em Educação Física, Universidade Federal de Maringá, Maringá, 2015.

MORAES, L. C. L.; SILVA, M. M. e; RINALDI, I. P. B.; ROJO, J. R.; GOMES, L. do C. Ginástica rítmica: perfil sobre a produção científica em periódicos da américa latina, caribe e países ibéricos. **Pensar em Movimento: Revista de ciencias del ejercicio y la salud**, v. 17, n. 1, p. e33546-e33546, 2019.

34º Encontro Anual de Iniciação Científica
14º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior



12 e 13 de novembro de 2025

PAZ, B.; SOUZA, J. de; BARBOSA-RINALDI, I. P. A constituição de um subcampo esportivo: o caso da Ginástica Rítmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 24, n. 2, 2018.